

Cristina da Silva



**AS ESCULTURAS 'BICHOS' DE LYGIA CLARK EM SALA DE
AULA**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG
2015

Cristina da Silva

**AS ESCULTURAS 'BICHOS' DE LYGIA CLARK EM SALA DE
AULA**

Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais do Programa de Pós-graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador (a): Maurílio Andrade Rocha

Belo Horizonte
Escola de Belas Artes da UFMG

2015

Silva, Cristina, 1972

As esculturas “bichos” de Lygia Clark em sala de aula: Especialização em Ensino de Artes Visuais /Cristina da Silva. – 2015.

33 f.

Orientador (a): Maurílio Andrade Rocha

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes da Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. I. Rocha, Maurílio Andrade.
- II. Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes.
- III. “As esculturas “bichos” de Lygia Clark em sala de aula”.

CDD: 707



Universidade Federal de Minas Gerais
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-Graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais

Monografia intitulada “*As esculturas “bichos” de Lygia Clark em sala de aula*”, de autoria de Cristina da Silva, aprovada pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof^o Dr. Maurílio Andrade Rocha - Orientador

Prof^a Dra. Mariana de Lima e Muniz

Prof. Dr. Evandro José Lemos da Cunha
Coordenador do CEEAV
PPGA – EBA – UFMG

Belo Horizonte, 2015

Av. Antônio Carlos, 6627 – Belo Horizonte, MG – CEP 31270-901

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que contribuíram para a realização dessa Monografia, de forma direta e indireta ao longo desse percurso. Agradeço a minha família pela paciência e também aos professores e tutores da equipe de Especialização em Ensino de Artes Visuais da UFMG, ao professor Maurílio Andrade Rocha pela orientação e pelo Instituto Lygia Clark pelo apoio.

RESUMO

Esse trabalho tem como objetivo mostrar simultaneamente a minha ação como professora no desenvolvimento de aulas de artes, como referência artística as esculturas “bichos” da artista Lygia Clark. Ao mesmo tempo, pesquisei o processo de criação dessas esculturas em uma série que foi do ano de 1960 a 1964. Apresentei experiências estéticas vivenciadas, através de uma atividade de Arte, desenvolvida em uma escola da rede municipal de Contagem, entre alunos de 4º, 5º e 6º anos. Foram utilizados como referenciais teóricos textos da própria artista Lygia Clark e Beatriz Carneiro. Os textos de Ana Mae Barbosa, PCN's Arte, Rita Irwin, Ferraz e Fusari e Belidson Dias também contribuíram para o desenvolvimento dessa pesquisa. Pude deduzir que desenvolver com os alunos as capacidades de representar, interpretar, imaginar e compreender uma experiência estética precisamos de muita pesquisa, prática pedagógica e prática como artista e que essas ações fazem parte de um círculo que gira em constantes mudanças.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Bicho 1960 -.....	12
Figura 2 - Bicho - o caranguejo, 1960 -	13
Figura 3 -- Estudo para Pan-Cubismo, 1960 Bicho	16
Figura 4 – imagem do vídeo “Fazer Arte”- TV UNAERP.....	20
Figura 5 - Imagem do vídeo “O bicho!” no Itaú Cultural/SP.....	21
Figura 6 - Imagem do vídeo da exposição “O bicho!” - Itaú Cultural/SP.....	21
Figura7– aluna 6º ano fazendo seus recortes	23
Figura 8- aluno 6º ano fazendo suas colagens	23
Figura 9 - formas planificadas – alunos 4º ano.	23
Figura10– estrutura planificada e tridimensional – Aluna 6º ano.....	24
Figura 11 – confecção dos “bichos” – alunos 4º ano.....	24
Figura 12 – confecção pássaro – aluno 4º ano.....	25
Figura 13 – confecção de esculturas com círculos – alunas 6º ano.....	25

SUMÁRIO

Introdução.....	9
1 - Referencial Teórico.	
1.1 Lygia Clark e a série bichos.....	12
1.2 Os PCN's e a Abordagem Triangular.....	14
1.3 Lygia Clark, PCN's e A/r/tografia	16
2 - Descrição do estudo de caso.....	20
3 – Análise do estudo de caso.....	27
4 - Considerações finais.....	31
5 - Referências bibliográficas.....	33

Introdução

Este trabalho tem como objetivo geral a apresentação das obras “bichos” da artista plástica Lygia Clark em sala de aula e mostrar as possibilidades dessa artista e da minha atuação como professora, na utilização da abordagem metodologia A/R/Tográfica¹.

Os objetivos específicos dessa pesquisa são de oferecer experiências estéticas às crianças e pré-adolescentes de uma escola pública de ensino fundamental, através das obras “bichos de Lygia Clark”. Estimular a ação criadora dos alunos e utilizar as experiências práticas em artes, com uso de recortes e colagens com papel cartão para transformação de diversas esculturas. Apresentar a minha prática pedagógica inserida na abordagem A/R/Tográfica, assim como o estudo dessa metodologia que cria meio de experiências estéticas que integram a pesquisa, a aprendizagem e a criação. Apontar a inserção de Lygia Clark na abordagem A/R/Tográfica quando criou suas esculturas metálicas articuláveis onde propõe a participação do observador.

Justifica-se fazer essa pesquisa a partir do momento que verifiquei a importância dos estudos e da escrita acadêmicas, e que esta não pode estar desvinculada e distanciada da minha prática pedagógica na criação das aulas de arte e na produção dos objetos artísticos para as mesmas.

A prática de um professor de Arte em uma escola se faz a partir de várias metodologias, conforme o contexto escolar e as exigências de cada segmento como escolas particulares, públicas e escolas de cursos livres de artes. Estudar as metodologias de ensino de arte é tão importante quanto à reflexão do trabalho artístico e suas manifestações, uma vez que o objeto de pesquisa é o processo ensino/aprendizagem.

Considerando que a metodologia se constrói na investigação, na pesquisa, na análise, no confronto, nas analogias, na prática a

¹ A/R/Tográfica é uma forma de representação que privilegia tanto o texto (escrito) quanto a imagem (visual) ao se encontrarem em momentos de mestiçagem (cruzamentos de espécies diferentes) (IRWIN 2012).

abordagem A/R/Tográfica aqui pesquisada, explora o hibridismo² quando cruzam o pesquisador, professor e o artista.

Pesquisar essa abordagem da pesquisadora e arte a educadora Rita Irwin (2004), que desenvolveu seu estudo no sentido de que todo professor de Arte é um pesquisador e artista, me atraiu e me fez sentir integrada nesse contexto. Isto ocorreu depois de conhecer um pouco desses estudos no Curso de Especialização em Artes Visuais (EBA/UFMG)³. Emparelhar a artografia com minha prática em sala de aula faz parte da minha rotina como da professora de arte, onde busco melhorar os processos de ensino-aprendizagem que conduzem a uma efetiva educação estético-artístico-visual.

A importância de ter um professor que seja um pesquisador e artista reflete muito no ensino-aprendizagem em sala de aula. Analisando sobre esses diálogos deparei com essa abordagem A/R/Tográfica que é uma metodologia descrita como sendo uma investigação autobiográfica entre arte/educadores (Irwin, 2004).

Essa abordagem de pesquisa é derivada da “investigação baseada nas artes”, igualmente de perspectiva narrativa que parte do acrônimo a/r/t „a” de artist, „r” de researcher e „t” de teacher (em língua portuguesa, respectivamente, artista, pesquisador e professor), por este motivo investiguei a minha ação como professora e como sujeito com possibilidades para atuar em sala de aula. Além disso, investiguei sobre a criação das esculturas da artista Lygia Clark, denominadas “bichos”.

Os estudos de Ana Mae Barbosa também foram percorridos na pesquisa, salientando a importância da abordagem triangular, concepção sustentada sobre a contextualização da obra de arte, sua apreciação e o fazer artístico sistematizando o ensino de arte.

Para essa pesquisa selecionei três turmas de alunos do ensino fundamental de uma escola pública municipal de Contagem-MG, onde leciono, de 4º, 5º e 6º anos do ensino fundamental, para apresentar e vivenciar uma experiência artística sobre o trabalho da série “bichos”, esculturas da artista Lygia

² Hibridismo: Resultante do cruzamento de espécies diferentes, que se afasta das leis naturais. Conforme *Etimologia*. Mello Sobrinho, Cláudio, 1986.

³ Escola de Belas Artes – Universidade Federal de Minas Gerais

Clark. Essa escolha de diferentes anos de escolaridade se deu na intenção que houvesse variáveis nas idades.

Nas escolas da rede municipal em Contagem, escola aqui pesquisada, existe uma preocupação significativa em cumprir o que sugere os PCN's.⁴ A carga horária das aulas de Artes pode variar de uma até três aulas de artes semanais, de acordo com cada escola, para o 2º e 3º ciclo (alunos de 9 a 15 anos). O professor de arte é um especialista, com formação específica em licenciatura plena em Artes. Esse é fato importante para praticar abordagem A/R/Tográfica, ou seja, deduz que o professor de arte com formação específica já tenha um conhecimento teórico, prático e didático para agir como um professor, pesquisador e artista.

⁴ Parâmetros Curriculares Nacionais.

1 - Referencial Teórico

1.1 - Lygia Clark e a série bichos

Podemos verificar que diferente da pintura, a escultura extrapola os limites de um quadro, permitindo uma visão mais ampla e detalhada da obra. Ela pode ser observada de todos os lados: por baixo, por cima, pelos lados e por dentro. Tendo ainda, a possibilidade de usar o sentido tátil, podemos sentir sua forma tamanho, peso e textura e ao manipularmos esse objeto artístico, torna-se essa experiências mais enriquecedora e potente.

A artista Lygia Clark foi uma das primeiras artistas a romper com a noção de espaço pictórico, ou seja, rompe-se com a pintura, pois seu trabalho com as telas transformou-se em novo objeto, na construção de uma nova arte, dessas proposições nascem suas primeiras esculturas. A construção da série “Bichos”, que percorre o período de 1960 a 1964, revolucionou assim o antigo conceito de que as obras de arte eram feitas apenas para contemplação passiva. A partir daí deu-se início à elaboração de uma arte inteiramente ligada à manipulação e a participação do expectador. Conforme a autora:

O “bicho” tem um circuito próprio de movimentos que reage aos estímulos do sujeito. Eles não compõem de formas independentes e estáticas que possam ser manipuladas à vontade e indefinidamente, como um jogo. Ao contrário: suas partes se relacionam funcionalmente, como as de um verdadeiro organismo, e o movimento destas partes é interdependente. (Clark, 1983).

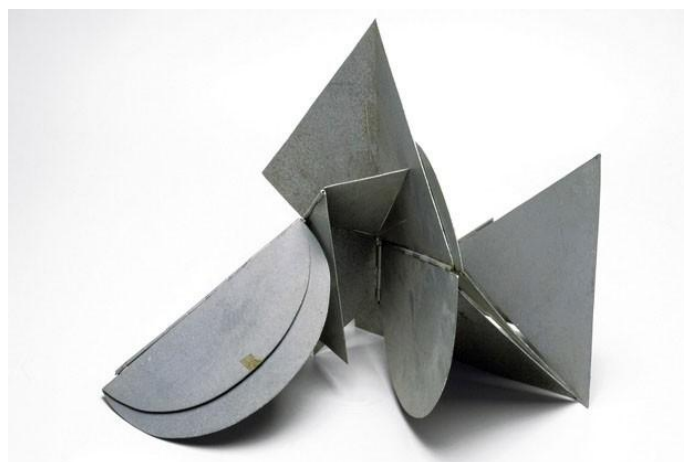


Figura 1- Bicho 1960 - <http://www.lygiaclark.org.br/defaultpt.asp>
Acessado em novembro/2015

“Bichos”: Esculturas feitas de alumínio, possuindo formas geométricas articuláveis por suas dobradiças. Lygia Clark torna-se uma das pioneiras na arte participativa ao convidar o observador a “brincar” com os bichos, manipulando-os, dialogando e descobrindo possibilidades de formas para as estruturas. Com eles, os “Bichos”, Clark foi consagrada a melhor escultora nacional na VI Bienal de São Paulo em 1961.

Uma das grandes inovadoras da arte mundial, Lygia seguiu uma trajetória singular e pioneira. Segundo Maior (2006), Lygia foi integrante do Movimento Neoconcretista, ela partiu da linguagem abstrata introduzida no Brasil durante a I Bienal de São Paulo e chegou, em 1960, à série Bichos, “um dos momentos mais significativos da arte brasileira”, como definiu o poeta e crítico Ferreira Gullar.

Ao dobrar um papel, Lygia fez suas primeiras experiências esculturais transformando o plano bidimensional em tridimensional, cortando, recortando, dobrando e colando, fez seus primeiros estudos preliminares para a criação dos “Bichos”.

O “Bicho” nasceu quando eu tentei fazer um Contra-Relevo e não de um Casulo, apesar de estar trabalhando nos Casulos anteriormente aos Bichos. Foi dobrando uma das divisões deste Contra-Relevo e fazendo o mesmo com a divisão correspondente, que me deparei com duas peças livres no espaço, e tendo uma fita adesiva na minha mão, eu instintivamente juntei a duas partes (Clark-1983).

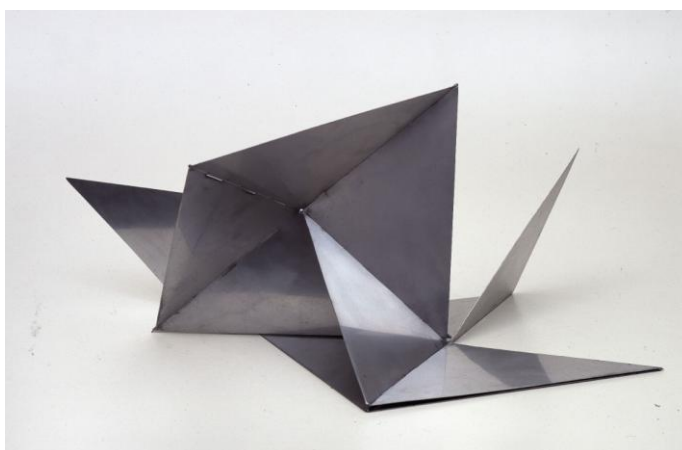


Figura 2 - Bicho - o caranguejo, 1960 - <http://veja.abril.com.br/noticia/pelos-caminhos-de-lygia-clark/> acessado em novembro/2015.

Ao explorar essas produções artísticas, em sala de aula, no caso as obras intituladas “bichos”, podem perceber toda a vivência estética enriquecedora para o ensino de artes visuais e para o desenvolvimento de interesse dos alunos pela arte. Proporcionar essa vivência artística, apreciar no âmbito da percepção, identificar a qualidade estética, e situar o próprio trabalho do artista.

1.2 - Os PCNS e a Abordagem Triangular

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) instituídos em 1998, desenvolvido pelo MEC, reforça a LDB nº 9.394/96, contribuem para valorização da produção criadora dos alunos. O documento que define as abordagens referentes às diferentes áreas de ensino, no caso específico aqui tratado, a área de artes visuais, pretende que o ensino das artes visuais envolva em síntese:

- a experiência de fazer formas artísticas incluindo tudo que entra em jogo nessa ação criadora: recursos pessoais, habilidades, pesquisa de materiais e técnicas, a relação entre perceber, imaginar e realizar um trabalho de arte;
- a experiência de fruir formas artísticas, utilizando informações e qualidades perceptivas e imaginativas para estabelecer um contato, uma conversa em que as formas signifiquem coisas diferentes para cada pessoa;
- a experiência de investigar sobre a arte como objeto de conhecimento, no qual importam dados sobre a cultura em que o trabalho artístico foi realizado, a história da arte e os elementos e princípios formais que constituem a produção artística, tanto de artistas quanto dos próprios alunos. (Parâmetros Curriculares Nacionais - Arte, 1998, p.36).

Essas diretrizes, embora que não explicitamente, mostra a “Abordagem Triangular” defendida por Ana Mae Barbosa que foi um dos maiores avanços no campo educacional da Arte desenvolvido desde 1988. Ao propor a “Abordagem Triangular”, a qual tem como base um trabalho pedagógico integrando em três pontos do conhecimento em Arte: o “fazer artístico”, a “análise de obras artísticas” e a “história da arte”.

A Abordagem triangular ao relacionar as três ações básicas e suas respectivas áreas de conhecimento considera arte como cognição e expressão. Pode ser operacionalizada a partir da articulação pertinente, orgânica e significativa dos domínios de conhecimento. Como entrada nesta articulação de ações combinadas tem seis sequências de possibilidades: Apreciar, fazer, contextualizar; Fazer, Apreciar, Contextualizar; Contextualizar, Fazer, Apreciar; Apreciar,

Contextualizar, Fazer; Contextualizar, Apreciar, Fazer; Fazer, Contextualizar, Apreciar. (Barbosa, 2008. p.338).

De acordo com Fusari e Ferraz o ensino da arte deve ser planejado e organizado pelo educador segundo as necessidades naturais dos alunos, integrando o contexto escolar. É através da arte que o indivíduo exterioriza suas emoções e sentimentos representando-os de diversas maneiras. É fundamental que o educador tenha consciência das representações expressivas para mediar ações pedagógicas contextualizadas.

(.) para desenvolver bem suas aulas, o professor que está trabalhando com arte precisa conhecer as noções e os fazeres artísticos e estéticos dos estudantes e verificar em que medida pode auxiliar na diversificação sensível e cognitiva do mesmo. Nesta concepção, sequenciar atividades pedagógicas que ajudem o aluno a aprender a ver, olhar, ouvir, pegar, sentir, comparar os elementos da natureza e as diferentes obras artísticas e estéticas do mundo cultural, deve contribuir para o aperfeiçoamento do aluno. (FUSARI e FERRAZ, 1999, p.99).

Trazer essa experiência aos alunos na ideia da apreciação de uma obra de arte como as esculturas de Lygia Clark, e considerando minha prática pedagógica, a produção/experimentação e a pesquisa para criação de aulas, deparei com a/r/tografia. Tipo de pesquisa em arte, segundo Dias (2013), propõe usar a incerteza, a imaginação, a ilusão, introspecção da visualização e do dinamismo. Isto tudo porque a arte é um produto da sociedade, feita pelo sujeito.

Sendo uma forma de representação que privilegia a escrita (texto verbal), e a imagem (texto visual), essa abordagem metodológica se encontra num campo de mestiçagem, que é uma linguagem de fronteira que se baseia nas experiências entre a teoria, a prática e a criação.

Arte e escrita unificam o visual e o textual por se complementarem, se refurtarem e se salientarem uma a outra. Imagem e texto não suplicam um ao outro e, sim, ensinam algo de diferente e ainda similar, permitindo que nos questionemos, mas profundamente sobre nossas práticas. (Barbosa, 2009)

1.3 - Lygia Clark, PCN's e A/r/tografia

Nas criações de Lygia Clark, o processo de ensino/aprendizagem sempre esteve presente em suas obras. Esse processo intrínseco nos PCN's de arte permite uma ligação entre o fazer arte pelo artista, promover experiências estéticas pelo professor e o conhecimento artístico como produção e fruição:

"As formas artísticas apresentam uma síntese subjetiva de significações construídas em imagens poéticas [...]". Antes a forma artística é uma combinação de imagens que são objetos, fatos, questões, ideias e sentimentos, ordenados pela objetividade da matéria articulada à lógica do imaginário. O artista seleciona, escolhe, reordena, recria, reedita os signos, transformando e criando novas realidades. (PCN's Arte: 5º e 8º séries, 1998. p. 32).

É importante salientar que Lygia sentia-se livre para utilizar o que parecia mais apropriado para sua criação. Com os "bichos", esculturas utilizadas nessa pesquisa, a artista experimenta trazer o plano bidimensional para tridimensional. Em suas experimentações prévias ela utilizou vários materiais, criou, recriou, dobrou e desdobrou. Essas esculturas foram resultados de suas ideias e sentimentos, uma transformação do objeto de arte em objeto orgânico.



Figura 3 -- Estudo para Pan-Cubismo, 1960 Bicho
<http://www.lygiaclark.org.br/defaultpt.asp> - Acesso: novembro/2015

O "Bicho" não tem avesso. Cada "bicho" é uma entidade orgânica que se revela totalmente dentro de seu tempo interior de expressão. Ele tem afinidade com o caramujo e concha. É um organismo vivo, uma obra essencialmente atuante. (Clark, 1960)

No mesmo ano que Lygia criou o "bichos" em 1960, segundo Beatriz Carneiro (2004), ela começou a lecionar no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) para crianças surdas e mais tarde lecionou na

Sorbonne em Paris, no início dos anos 70. Ela declarou que não pretendia ensinar nada aos seus educandos, no entanto, fazia proposições a eles. Essas proposições nada mais eram do que exercícios de sensibilização criados com o fim de liberação da imaginação criativa, características presentes nos PCN's de arte de 1998.

[...] nas primeiras aulas, crianças apáticas colocavam na mesa papéis —com uns riscos, uns óculos, o nome, o número de cada um. Uma atmosfera deprimente e, pelos resultados mostrados, as tarefas se sucediam sem significação. Primeira atitude: despertar interesse “naquelas almas trancadas à comunicação”. Palavras não circulavam por aquela sala de seres imersos no silêncio fechados em sua impermeabilidade comunicativa. Assim Lygia carregou para a classe uma pilha de material com reproduções dos grandes mestres da pintura moderna e deixou que eles folheassem a vontade. Os —gestos se tornaram exuberantes no silêncio da sala revelando as afinidades encontradas. Pela pintura, estabelecem-se novas possibilidades de contato com outros seres, contato esse que se dará precisamente nas regiões onde a palavra falada não pode penetrar, ou não pode ser chamada a intervir (Carneiro, 2004).

Apesar Lygia romper com a pintura, quando criou as esculturas “bichos”, seus trabalhos sempre teve uma interligação, ou seja, um processo contínuo. Antes de fazer as esculturas de metal, ela já representava suas esculturas de forma bidimensional com suas pinturas. E assim foi dando continuidade com suas criações criando outras séries de esculturas vinculadas uma com as outras.

Investigar o mundo através de processo contínuo de fazer arte, qualquer forma de arte, e escrever, mas não separados ou ilustrativos um do outro, e sim interligados e tramados através um do outro para serem capazes de criar significados expandidos ou suplementares. Um trabalho a/r/tográfico é interpretado através dos conceitos metodológicos da contiguidade, pesquisa viva, aberturas, metáforas/metonímia, reverberações e excesso. (Irwin, 2013).

Lygia foi uma artista que sempre escrevia sobre suas criações. Uma escrita imaginativa, cheia de significados, escrevia cartas, livros, criava textos. Em suas criações o caráter didático sempre esteve presente em suas obras. Uma artista que transitou entre a pintura e escultura buscar nas palavras um meio para expressar suas emoções, trás uma forma de representação, segundo Belidson (2013), da a/r/tografia onde privilegia tanto o texto (escrito) quanto a imagem (visual) quando eles se encontram em momento de mestiçagem ou hibridação. Assim como os “bichos” de Lygia se movem, a a/r/tografia também é móvel, momentânea, busca a intensidade na transitoriedade. Em seu livro Obra Lygia descreve sobre suas esculturas.

“Bichos”. É esse o nome que dei à minhas obras desse período, pois seu caráter é fundamentalmente orgânico. Além disso, a dobradiça que une os planos me faz pensar em uma espinha dorsal. (Clark, 1983).

A a/r/tografia é uma prática de PEBA (Pesquisa educacional baseada em Arte) e de PBA (Pesquisa baseada em Arte) uma pedagogia instituída na Faculdade de Educação da Universidade da Columbia Britânica, UBC, Canadá que traz uma abordagem tão dinâmica à pesquisa qualitativa que desafiam nossas noções naturalizadas e conservadoras de se fazer educação e pesquisa (Sinner; Leggo et al. 2006).

A PEBA e PBA é um método de pesquisa que utiliza elementos da experiência das artes criativa, incluindo o fazer arte por parte do pesquisador, como maneira de compreender o significado do que fazemos dentro da prática e do ensino, essas definições são caracterizada pelos fundadores da PBA Thomas Barone e Elliot Eisner (2006):

- Utiliza elementos artísticos e estéticos. Enquanto a maioria das pesquisas em Humanidades, Ciências Sociais e Educação utilizam elementos linguísticos e numéricos, a PBA utiliza elementos não linguísticos, relacionados com as artes visuais ou performativas;
- Busca outras maneiras de olhar e representar a experiência. Diferentemente de outras perspectivas de pesquisa a PBA não persegue a certeza, mas ampliação das perspectivas, a sinalização de matizes e lugares não explorados.
- Trata de desvelar aquilo do qual não se fala. Também não pretende oferecer alternativas e soluções que fundamentem as decisões de política educativa, cultura ou social, mas propõem uma conversação mais ampla e profunda sobre as políticas e as práticas, tratando de revelar aquilo que costuma se der como fato e que naturaliza. (Belidson, 2013)

Conforme disse Belidson (2013), ao colocar a criatividade à frente do processo de ensino, pesquisa e aprendizagem, geramos novas maneira de pensar, engajar e interpretar questões teóricas como um pesquisador, e práticas como um professor.

Viver a vida de um artista que também é um pesquisador e professor é viver uma vida de consciente, uma vida que permite abertura para complexidade que nos rodeia, uma vida que intencionalmente nos coloca em posição de perceber as coisas diferentes. Artistas-pesquisadores-professores são habitantes dessas fronteiras ao re-criarem, re-pesquisarem e re-aprenderem modos de compreensão, apreciação e representação do mundo. (Barbosa, 2009, p.87)

Aqui apresentamos as contribuições, de pesquisadores em arte e arte-educação, para enriquecimento de uma prática educativa em artes visuais. Buscamos também os relatos de Lygia Clark, artista em referência, sobre a execução de suas esculturas denominadas “bichos”. Obras tão significativa no cenário da arte neoconcretista⁵ brasileira e tão importante para ampliação das dimensões do ensino e aprendizagem em arte.

⁵ Neo-concretismo: Movimento concreto no país, que remonta ao início da década de 1950 e aos artistas do Grupo Frente, no Rio de Janeiro, e do Grupo Ruptura, em São Paulo. Tributária das correntes abstracionistas modernas das primeiras décadas do século XX - com raízes em experiências como as da Bauhaus, além suprematismo e construtivismo soviéticos. (<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo3810/neoconcretismo>) Acessado em novembro 2015.

2 – DESCRIÇÃO DO ESTUDO DE CASO

A pesquisa foi realizada em uma escola da rede municipal de Contagem-MG, (Escola Municipal Dona Babita Camargos). A proposta de trabalho foi realizada com um grupo de três turmas de 1º, 2º e 3º anos do 2º ciclo (4º, 5º e 6º anos do ensino fundamental). Uma média de 23 alunos em cada turma de 4º e 5º anos e 32 alunos no 6º ano. Totalizando 79 alunos entre 09 a 13 anos.

O objetivo dessa pesquisa foi apresentar ao grupo de estudantes obras da coleção “bichos” da artista Lígia Clark, descobrir a opinião desses alunos sobre essas esculturas, instigar ação criadora, a improvisação criativa e propor uma experiência estética.

As aulas foram planejadas em duas etapas para execução da pesquisa. Na primeira parte os alunos foram levados à sala de vídeo para assistirem alguns filmes curtos sobre artista Lygia Clark e suas obras: “Fazer arte”⁶; “O bicho”!⁷ e “Bichos Impossíveis”⁸. Os vídeos tinham a duração média de cinco minutos cada um.



Figura 4 – imagem do vídeo “Fazer Arte”- TV UNAERP - <https://www.youtube.com/watch?v=97O-8yaQ5K4f> -TV UNAERP

⁶<https://www.youtube.com/watch?v=97O-8yaQ5K4f> -TV UNAERP - acessado em 10/09/2015

⁷<https://www.youtube.com/watch?v=K9ZIrXlPI6c> – Itaú Cultural SP 2012- acessado em 10/09/2015

⁸<https://www.youtube.com/watch?v=8rRNG1Ua9Mw> – Produção de Alexandre Rangel 2008- acessado em 10/09/2015



Figura 5 - Imagem do vídeo da exposição “O bicho!” no Itaú Cultural/SP. - <https://www.youtube.com/watch?v=97O-8yaQ5K4> – Acessado em novembro/2015

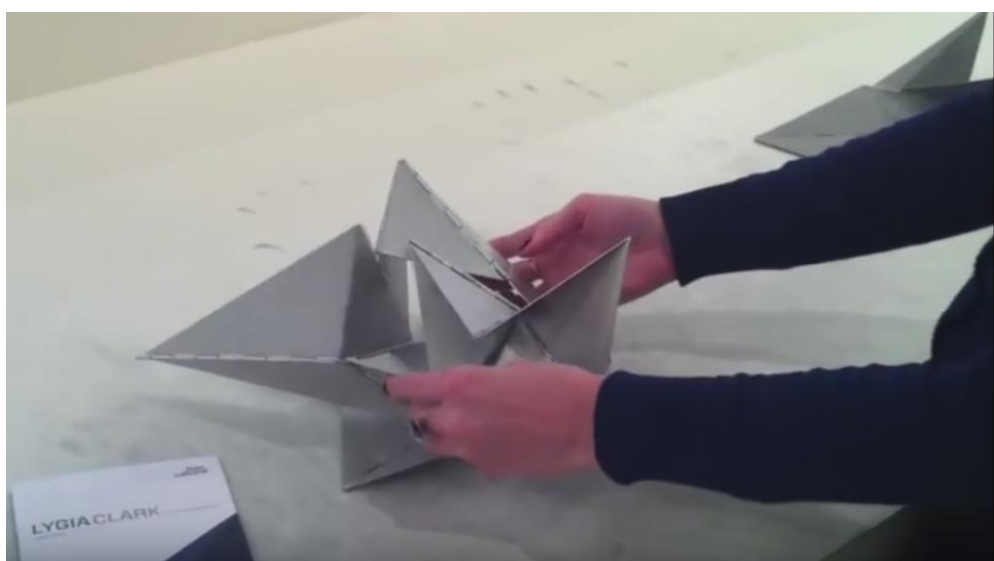


Figura 6 - Imagem do vídeo da exposição “O bicho!” no Itaú Cultural/SP. - <http://veja.abril.com.br/noticia/entretenimento/pelos-caminhos-de-lygia-clark-> Acessado em novembro /2015

Ao assistirem o vídeo verifiquei, de forma geral, um interesse pequeno nos alunos, um total de 70 alunos, apenas dois estudantes disseram ter visto alguma escultura parecida. Durante a exibição dos vídeos, quando as esculturas eram manipuladas, houve uma atenção maior. O nome “bichos” foi mencionado em duas turmas e questionado aos alunos, se realmente eles conseguiram ver algum tipo de bicho nas esculturas que eram manipuladas na

demonstração. A maioria dos alunos, principalmente os mais novos, identificaram vários animais: rinocerontes, pássaros, raposa, gatos, cachorros, jacarés.

Na turma de alunos do 4º ano, ao assistirem o vídeo da artista, o nome “bichos” não foi mencionado por meu esquecimento, mas alguns alunos conseguiram identificar animais de forma impressionante, já que essas esculturas não são figurativas e sim e abstratas.

Expliquei para os alunos sobre a importância das esculturas de Lígia Clark e sua inquietude em fazer com que o espectador seja convidado a participar do descobrimento das inúmeras formas de deixar o objeto artístico em várias posições, a partir de suas manipulações.

Na continuidade dos trabalhos, os alunos foram levados à sala de aula (a escola não possui sala de artes). Propus o trabalho a ser desenvolvido: criar esculturas inspiradas nas obras vista no vídeo, para isto, teriam que usar várias formas geométricas, cortadas em papel cartão ou cartolinas interligadas por meio de tiras do mesmo material. Os alunos tiveram a liberdade em formarem grupos ou duplas, para produzir as experiências artísticas em criar seus “bichos”, a partir de recortes e colagens. Utilizando as formas geométricas como triângulos, retângulos, quadrados e círculos os alunos puderam construir diversas formas, planificadas unidas por pequenas tiras de papéis coladas.

Para a construção dessas produções artísticas foram entregues aos alunos quatro quadrados de papel cartão com medidas aproximadas de 20 cm x 20 cm. Os alunos poderiam desenhar ou não suas formas geométricas com lápis antes de recortarem. Eles fizeram uso de régua, CDs (para circunferências), lápis, tesoura e cola branca, solicitei também que essas peças não fossem recortadas muito pequenas, para melhor visualização e manipulação. Depois de recortadas pedi aos alunos que ligassem essas peças uma com as outras, com duas ou três tiras de papéis aproximadamente 1,0 cm de largura, usando cola branca, para que houvesse maleabilidade, ou seja, as tiras de papéis funcionariam como dobradiças. A partir daí as figuras unidas e planificadas poderiam ser dobradas e transformadas em esculturas moldáveis.

A maioria dos alunos do 4º e 5º anos teve um desprendimento maior que os alunos do 6º ano. Sem muitas dúvidas foram logo querendo cortar, colar e transformar as formas em esculturas.

As imagens a seguir foram resultados dessas experiências artísticas.



Figura7– aluna 6º ano fazendo seus recortes

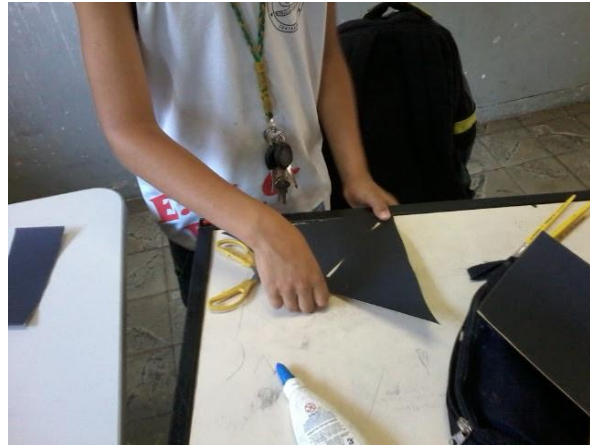


Figura 8- aluno 6º ano fazendo suas colagens

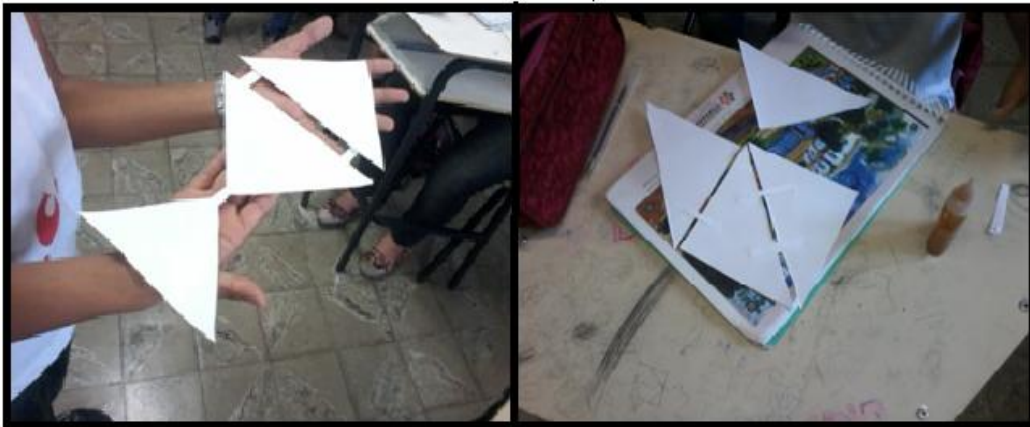


Figura 9- formas planificadas – unida por tiras de papel – alunos 4º ano

A incompreensão inicial existiu, pois os alunos não sabiam exatamente o que aconteceria. Depois das peças unidas e planificadas, pedi aos alunos que se lembrassem do vídeo e das obras de Lygia Clark, e que a partir daquelas formas interligadas uma com as outras, tentassem recriarem seus “bichos” transformando aquelas formas bidimensionais, em estruturas tridimensionais manipuláveis. Alguns alunos demoraram a transformar o plano em uma estrutura que ficasse em pé.

Percebi uma dificuldade em recriar sobre de uma criação existente e experimentar novas possibilidades de dobras e desdobramentos. Sugeri que realizassem várias experimentações, acrescentando outras formas e redobrando as estruturas. Depois de algum tempo “brincando” com as esculturas, começaram a interessar pelo o que estavam fazendo, acrescentaram mais formas, recriaram outros movimentos. Os alunos do 4º ano, a cada desdobramento que faziam, nomeavam seus “bichos”.

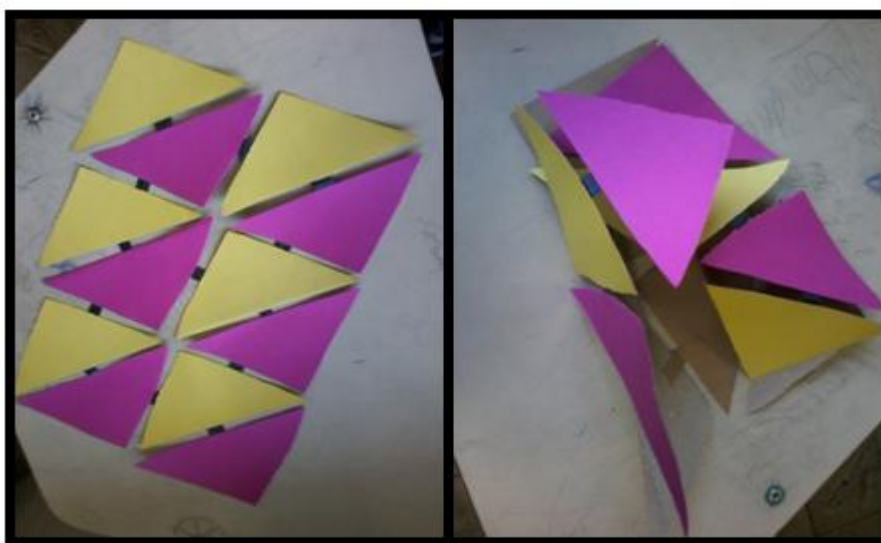


Figura10– estrutura planificada e a mesma estrutura tridimensional – Aluna 6º ano

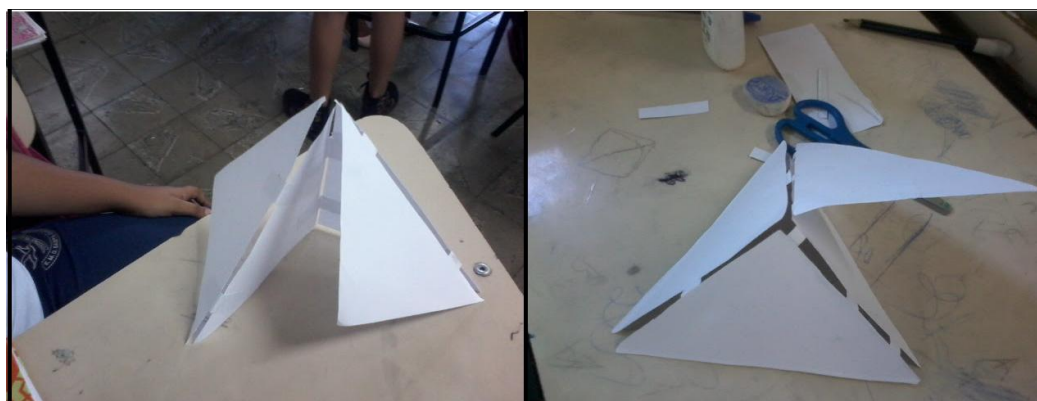


Figura 11 – confecção dos “bichos” – alunos do 4º ano



Figura 12 – confecção, - aluno 4º ano. “o pássaro parece que quer voar”

Apesar de alguns alunos do 6º ano não terem demonstrado interesse pelos vídeos, eles se sentiram desafiados ao tentar criar suas esculturas utilizando os círculos, o que outras turmas não conseguiram fazer.

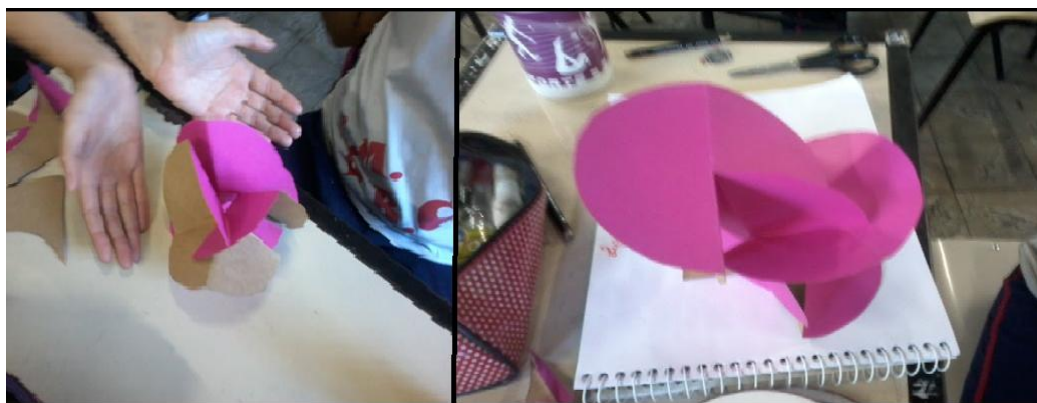


Figura 13 – confecção de esculturas feitas com círculos – alunas 6º ano

Depois das esculturas prontas, os alunos ficaram eufóricos em mostrar para mim e outros colegas o que tinham conseguido fazer. Mas o tempo foi insuficiente naquele dia para um desdobramento maior do trabalho. Em todas as turmas, nessa escola, a carga horária da disciplina de arte é de uma hora semanal.

No encontro seguinte, retomamos o assunto sobre os vídeos, obras e atividades práticas de artes e sobre as esculturas de Lygia Clark, alguns alunos trouxeram as esculturas não acabadas na aula anterior. Ouvi seus depoimentos sobre o que acharam da experiência artística e solicitei que descrevessem sobre a aula.

Colhidos os depoimentos, em fichas individuais, constatou-se que a maioria dos alunos dos 4º e 5º anos gostou de ver os vídeos, as esculturas “bichos” e gostaram, ainda mais, quando eles mesmos confeccionaram suas esculturas com papel. Já os alunos do 6º ano tiveram um depoimento mais crítico e com desânimo sobre os vídeos assistidos. Muitos acharam chatos e diziam que não entendiam nada: *“Eu achei um pouco chato, mas as esculturas são legais e a parte prática eu achei legal.”* Aluna do 6º ano; *“Achei interessante e legal, eu fiz, mas não conseguir ver nada...”* Aluno do 6º ano.

Apesar de alguns depoimentos de insatisfação, principalmente alunos dos 6º ano, todos os alunos escreveram em seus depoimentos (fichas individuais), que gostaram mais de fazer a atividade prática.

3 - ANÁLISE DO ESTUDO DE CASO

A escultura é um objeto de arte muito atraente para os adultos e crianças, a possibilidade de poder tocar, carregar, mexer, transformar, induz uma experiência visceral. As esculturas “bichos” de Lygia Clark não são diferentes, a proposta da artista em manipular o objeto de arte é fascinante, como a própria Lygia diz: “O Bicho tem um circuito próprio de movimentos que reage aos estímulos do sujeito”. (Clark -1983).

Trabalhar a produção criadora dos alunos na escola é trabalhar experiências estéticas com os mesmos, que nessa pesquisa, são os sujeitos em que Lygia estimulou em suas exposições da série “bichos”. Percebi que ao representarem os “bichos” de Lygia Clark os alunos viveram uma experiência direta da obra de arte, um conhecimento gerado pela necessidade de investigar o campo artístico como atividade humana, como se descreve nos PCN’s arte.

A atividade proposta nessa pesquisa contribuiu para a valorização da produção criadora dos alunos. Cada etapa dessa experiência enquadrou-se em alguns pontos dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ao propor aos alunos a criação de esculturas a partir de formas geométricas, esses entraram no jogo da ação criadora. Os alunos investigaram o melhor papel, cor, forma geométrica e utilizando suas habilidades, recortaram diversos papéis, atividade que agrada muito os alunos, fizeram proposições como se fosse um quebra-cabeça, até conseguir a planificação e logo em seguida a tridimensionalidade das peças que melhor lhe agradassem.

Citada também nos PCN’s a importância de investigar os objetos de arte e a cultura em que o trabalho foi desenvolvido, a pesquisa bibliográfica sobre Lygia Clark, feita neste estudo, foi de suma importância. O material que a artista utilizou para fazer sua escultura, seus experimentos e trajetória anterior, o movimento artístico que estava acontecendo no momento da criação dos “bichos”, isto tudo contribuiu para o enriquecimento do trabalho proposto.

A abordagem triangular de Ana Mãe Barbosa, também, esteve presente nesta pesquisa, mesmo sem nenhuma intenção, ela aconteceu naturalmente. Quando foi apresentado para os alunos, por meio do filme/vídeo, as imagens da escultura de Lygia Clark, o contemplar, o olhar a apreciação

esteve presente. Houve a contextualização quando me questionaram, durante a exibição do filme, sobre quem eram aquelas pessoas ou o que estavam fazendo, por que a foto da artista estava em preto e branco.

O diálogo e a explanação feita, antes e depois da apresentação do vídeo, foram fundamentais para compreensão do período em que viveu Lygia Clark. Embora a maioria dos alunos, dessa pesquisa, tenham dificuldades com a noção de tempo/espaço.

O relato sobre o culto ao objeto de arte, no período em que foi criada série “bichos” 1960 a 1964, onde poucos tinham acesso aos museus, se tinham, o objeto de arte era intocável, também fez com que os alunos contextualizassem o objeto de arte a ser trabalhado. Ao propor aos alunos que desenvolvessem uma experiência estética (recriação dos “bichos”) de Lygia Clark, com recortes, colagens, dobraduras com diversos papéis, consegui que todos entrassem no “jogo” da criação e do fazer. Vivenciar essa forma artística é características sistematizadas na abordagem triangular.

Todo o processo de ver, olhar, ouvir, pegar, sentir, comparar os elementos da natureza ao objeto de arte, segundo Fusari e Ferraz (1999), contribui para o aperfeiçoamento do aluno. Nessa pesquisa, o planejamento das aulas foi organizado de acordo com as noções do fazer artístico dos estudantes. O planejamento da aula estava dentro das possibilidades que o ambiente, a capacidade e entendimento que os alunos poderiam alcançar de acordo com os seus conhecimentos, idade e meio onde vivem.

Apesar de não terem visitado nenhuma uma exposição similar, por algumas horas, esses alunos vivenciaram a arte, ao olharem imagens das obras de Lygia Clark, ouvindo relatos e explicações e produzindo uma experiência estética. Esses educandos ao criarem uma escultura, não uma cópia daquilo que viram, reinventaram seus “bichos” à sua maneira, e ao mesmo tempo, compararam com os elementos da natureza conforme a sequência pedagógica de Fusari e Ferraz (1999).

De acordo com a compreensão da artografia, onde aborda um método que utiliza a experiência das artes criativas agregando ao processo de ensino, pesquisa e aprendizagem, me levou a pensar que a artista Lygia Clark também percorreu esse caminho ao criar a série “bichos”.

Ao criar esculturas metálicas geométricas que se articulam por meio de dobradiças, Lygia propôs a co-participação do espectador para articular suas esculturas, no que entendo ser um desejo da artista em comunicar com as pessoas para que interferissem em suas obras. Assim, Lygia atuaria como se fosse uma professora à distância, em uma abordagem didática bem criativa.

Mais tarde, em 1968 em outras experimentações artísticas, Lygia já se colocava como uma artista propositora:

Nós somos os propositores: nós somos o molde, cabe a você soprar dentro dele o sentido da nossa existência. Nós somos os propositores: nossa proposição é o diálogo. Sóis, não existimos. Estamos à sua mercê. Nós somos propositores: enterramos a obra de arte como tal e chamamos você para que o pensamento viva através de sua ação. Nós somos os propositores: não lhe propomos nem o passado nem o futuro, mas o agora. (Clark, 1983)

A ação pedagógica alimenta os espectadores através desse procedimento de interferência nas obras, proporcionando a quem as manipula a oportunidade de realizar suas próprias escolhas em deixar o objeto escultural na posição que melhor lhe agrada. Lygia era uma artista que estava sempre pesquisando e experimentando.

Viver a vida de um artista que também é um pesquisador e professor e viver uma vida consciente, uma vida que permite abertura para a complexidade que nos rodeia, uma vida que intencionalmente nos coloca em posição de perceber as coisas diferentemente. Artistas-pesquisadores-professores são habitantes dessas fronteiras ao re-criarem, re-pesquisarem e re-aprenderem modos de compreensão, apreciação e representação do mundo (Irwin, 2013).

As atividades, produzidas com os alunos nessa pesquisa, criaram possibilidades para uma auto-reflexão sobre ser criador. Ao iniciar esse trabalho passei por várias pesquisas de criação do objeto escultural. Pesquisei sobre a vida e obras de Lygia Clark, em especial a série “bichos”, experimentei, produzi esculturas com diversos tipos de materiais como bandeja de isopor, cd’s velhos, papel cartão até perceber que o melhor material para se trabalhar as esculturas de Lygia Clark, na escola, era o papel. A minha ação artística esteve presente juntamente com minha pesquisa e experiência em planejar um trabalho com toda sequência didática no exercício do ensino/ aprendizagem.

A tomada de consciência profissional, através das produções estético/artísticas, gera fundamentos para uma poética de professor e para a criação contínua em seus processos de ensino/aprendizagem. Assim o professor transita naturalmente entre os campos da criação, da prática pedagógica e da pesquisa em arte que Irwin descreve em sua abordagem sobre a artografia.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Trabalhar com esculturas é muito instigante, induz ao questionamento e a reflexão. Elas possibilitam estimular a troca de experiências entre a imagem do objeto bidimensional e tridimensional, onde o criador experimenta, vivencia e percebe a realidade através do sentido tátil.

Essa pesquisa apresentou uma abordagem metodológica recentemente chegada aos meios acadêmicos de pesquisas em arte, a A/R/Tografia (2008), embora percebe-se que as ações dessa abordagem já se praticavam há tempos por artistas, professores e pesquisadores de forma não explícita. Alguns artistas eram um pouco pesquisador e professor, como a artista Lygia Clark. Alguns pesquisadores de artes eram um pouco artistas e às vezes estavam inseridos no ambiente de ensino/aprendizagem, e alguns professores de artes, como eu, sempre pesquisavam suas aulas e era um pouco artista na criação dessas aulas. Nessa pesquisa mostrou que a artista Lygia Clark, com as criações das obras “bichos”, sofreu ação artográfica, assim mesmo, eu a professora/autora dessa pesquisa.

A criação da aula em si, foi em sua essência um processo criativo e há uma poética na ação do professor, levar as imagens do objeto de arte para sala de aula e criar possibilidades para que os alunos observem, interpretem e criem, me colocando na posição de artógrafa, ou seja, praticante da abordagem artográfica.

Encontramos uma escola com espaço e materiais limitados, mas não foi motivo para a pesquisa não acontecesse, a presença de equipamento de áudio contribui para que, os alunos de fato assistissem, em vídeo, a manipulação do espectador sobre as esculturas de Lygia Clark, em exposições em museus. Essas condições não são ideais para que os educandos tivessem contato direto com arte. Nada substitui a presença nos museus, galerias e exposições. Na apreciação desses vídeos ficou um consenso de agrado, com os alunos mais novos, 4º e 5º anos. Mas houve uma situação de conflito entre alguns depoimentos para os alunos mais velhos 6ºano. *“Eu gostei muito porque transformamos um simples papel em uma arte linda”.* *“Eu não gostei muito da aula, assistimos o vídeo e depois praticamos. A atividade é chata, mas foi*

diferente e não foi tão ruim”. Depoimentos de alunos do 6º ano. Ao mesmo tempo em que gostavam de fazer as atividades e eles descreviam que eram atividades chatas. A criação das esculturas de papel desenvolvida na pesquisa pelo professor, certamente agradou a todos. Ressaltamos a valorização da representação dos estudantes o quais relacionavam o que faziam com outras imagens.

Lygia Clark foi uma das artistas precursoras em pesquisar/experimentar. Ela tirou o objeto de arte do “pedestal” e convidou a participação dos espectadores, para interagir a obra de arte. A série “Bichos” expandiu a oportunidade de se ter experiências estéticas e lúdicas, pois estabeleceu certa relação entre o imaginário que envolveu a figura do “bicho”, tão presente nas crianças, e o ato de movimentar e reposicionar a obra, criando seu próprio “bicho”. Acredito que os resultados quanto à expressividade aconteceram, mas quanto à valorização da arte talvez só futuro pudesse nos dizer.

Diante dessa pesquisa, percebi minha inserção na abordagem a/r/tográfica. Embora seja uma abordagem metodológica nova, penso que ela já existia sutilmente. Minha prática em sala de aula e as ações nas criações das esculturas “bichos” de Lygia Clark são exemplos disso, onde existe a prática do professor/pesquisador/artista.

Ao propor as atividades de re-criação dos “bichos” com os alunos pesquisados, constatei que nós professores de arte, precisamos de muita pesquisa e que essas teorias andem junto com nossas práticas pedagógicas. Além disso, devemos ampliar as possibilidades de proposições criativas com os alunos e sermos artistas nas criações das aulas para desenvolver a potencialidade e a capacidade criadora nos alunos.

5 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Ana. M. Arte-educação no Brasil. 5 ed. 3ª reimp. (2002). São Paulo: Perspectiva, 2008.

BARBOSA, Ana. M.; AMARAL, Lilian (Org). Interterritorialidade: mídias, contextos e educação. São Paulo, Brasil: Editora Senac, 2009.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: arte/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1998.

CARNEIRO, Beatriz Scigliano. Relâmpagos com claror: Lygia e Hélio Oiticica, vida como arte. São Paulo: Imaginário: FAPESP, 2004.

CLARK, Lygia. “livro-A obra” Rio de Janeiro: 1983.

DIAS, Belidson. RWIN, Rita L. Pesquisa Educacional baseada em arte: a/r/tografia (org). Santa Maria. Editoraufsm, 2013.

FERRAZ, Maria Heloísa C. Toledo; FUSARI, Maria F. Rezende. Metodologia do ensino da arte. São Paulo: Cortez, 1999.

IRWIN, R. L. A/r/tography: Uma mestiçagem metonímica. In: Pesquisa Educacional Baseada em Arte: A/r/tografia. Santa Maria: Editoraufsm, 2013.

SOUTO, Marcel Maior. Se é para brincar eu também gosto: um perfil bibliográfico de Sonia Lins/Marcel Souto – Casa da Palavra, 2006.

Endereços eletrônicos consultados na internet

<https://www.youtube.com/watch?v=97O-8yaQ5K4> - TVUNAERP Canal Universitário da cidade de Ribeirão Preto. Acesso em: novembro 2015

<https://www.youtube.com/watch?v=K9ZlrXIPi6c> (Réplicas de diversos tamanhos dos Bichos - exposição em São Paulo no Itaú Cultural). Acesso em: novembro 2015

<https://www.youtube.com/watch?v=8rRNG1Ua9Mw> -Bichos Impossíveis – Acesso em: novembro 2015

<http://www.lygiac Clark.org.br/defaultpt.asp> - Acesso em: novembro 2015